

- WILLIS, J.  
'New Generation Drinking: The Uncertain Boundaries of Criminal Enterprise in Modern Kenya', *African Affairs*, 102, 2003: 241-260.
- WILLIS, J.  
'Drinking Power: Alcohol and History in Africa', *History Compass*, 3(1), 2005: 1-13; available from <[www.blackwell-synergy.com/doi/full/10.1111/j.1478-0542.2005.00176.x](http://www.blackwell-synergy.com/doi/full/10.1111/j.1478-0542.2005.00176.x)>.
- WILLIS, J.  
'Drinking Crisis? Change and Continuity in Cultures of Drinking in Sub-Saharan Africa', *African Journal of Drug and Alcohol Studies*, 5(1), 2006: 1-14.
- WILLIS, J.  
'Clean spirit: distilling, modernity and the Ugandan state, 1950-86', *Journal of Eastern African Studies*, 1, 2007: 79-92.
- WILLIS, J.  
'"Unpretentious bars": municipal monopoly and independent drinking in colonial Dar es Salaam', in J. Brennan, A. Burton and Y. Lawi, eds. *Dar es Salaam: Histories from an Emerging African Metropolis*. Dar es Salaam and Nairobi: Mkuki na Nyota and the British Institute in East Africa, 2007: 157-174.
- WILLIS, J.  
'Protecting young people: Alcohol, advertising and youth in Kenya', in Andrew Burton and Helene Charton-Bigot, eds. *Generations Past: Youth in East African History*. Athens: Ohio University Press, 2010: 279-290.
- WOJEIEKI, J. M.  
'"She Drank His Money": Survival Sex and the Problem of Violence in Gauteng Province, South Africa', *Medical Anthropology Quarterly*, 16(3), 2002: 267-293.
- WOLFF, B., BUSZA, J., BUFUMBO, L., and WHITWORTH, J.  
'Women Who Fall by the Roadside: Gender, Sexual Risk and Alcohol in Rural Uganda', *Addiction*, 101(9), 2006: 1, 277-1, 284.
- WONG, F. Y., THOMPSON, E. E., HUANG, Z. J., PARK, R. J., DIGANGI, J., and DE LEON, J. M.  
'Alcohol, Drugs, Sex, and HIV Risk Behaviors among a Community Sample of Black and Coloured South Africans', *Journal of Drug Issues*, 37(3), 2007: 489-502.
- WOOLF-KING, S. E., and MAISTO, S. A.  
'Alcohol Use and High Risk Behavior in Sub-Saharan Africa: A Narrative Review', *Archives of Sexual Behavior*, 40(1), 2011: 17-42.
- ZABLOTSKA, I. B., GRAY, R. H., SERWADDA, D., NALUGODA, F., KIGOZI, G., SEWANKAMBO, N., LUTALO, T., MANGEN, F. W., and WAWER, M.  
'Alcohol Use Before Sex and HIV Acquisition: A Longitudinal Study in Rakai, Uganda', *AIDS*, 20(8), 2006: 1, 191-1, 196.
- ZIERVOGEL, C. F., AHMED, N., FLISHER, A. J., and ROBERTSON, B. A.  
'Alcohol Misuse in South African Male Adolescents: A Qualitative Investigation', *International Quarterly of Community Health Education*, 17(1), 1997: 25-41.

## Caminhos-de-Ferro em S. Tomé e Príncipe. O caminho-de-ferro em S. Tomé e Príncipe e os caminhos-de-ferro das roças

**Salomão Vieira**

[S. I.]: União Nacional dos Escritores e Artistas de S. Tomé e Príncipe, 2005. 1.<sup>a</sup> edição. 336 p. il., mapas, bib. ISBN 989-8023-00-7; 978-989-8023-00-1

**Hugo Pereira\***

P. 317-319

"*Caminhos-de-Ferro em S. Tomé e Príncipe. O caminho-de-ferro em S. Tomé e Príncipe e os caminhos-de-ferro das roças*" é um livro da autoria de Salomão Vieira editado em 2005 pela União Nacional dos Escritores e Artistas daquele país africano. Debruça-se sobre a história das vias-férreas construídos no arquipélago, quer pelo Estado português, quer por particulares que possuíam e exploravam roças (plantações). O estudo inicia-se na década de 1890 (quando surgem os primeiros alvitres para a construção ferroviária em S. Tomé) e vem praticamente até aos nossos dias, uma vez que o autor faz uma súmula do estado de conservação de algum material fixo e circulante dessas ferrovias. Se nos cingirmos ao período analisado criticamente, este termina nos anos 1930 quando a linha do Estado é oficialmente encerrada. Convém, contudo, lembrar que alguns caminhos-de-ferro das roças perduraram para além desta data, mas a falta de fontes impede um estudo mais detalhado.

O autor não tem formação em História. É licenciado em Filosofia e fez grande parte da sua carreira como gestor de recursos humanos. Assim sendo, a metodologia empregue dificilmente poderia inovar, no entanto é adequada para o estudo em questão: recorre às fontes oficiais, a jornais e relatórios e a relatos de viagens para elaborar uma história em grande medida factual dos caminhos-de-ferro na ex-colónia. Contam-se entre os documentos consultados o Boletim Oficial de S. Tomé e Príncipe, o Diário do Governo, a Gazeta dos Caminhos de Ferro, periódicos coevos locais ou da metrópole (de carácter geral e de vocação mais colonial), alguns relatórios técnicos (o autor não consultou nem a Revista de Obras Públicas e Minas nem o Arquivo do Ministério das Obras Públicas, onde poderia ter encontrado mais informação de índole técnica) e registos guardados no Arquivo Histórico Ultramarino. Neste rol nota-se a ausência dos diários parlamentares, que são sem dúvida uma excelente fonte de informação

\* CEAUP.

e, pelo jaez sistemático da sua publicação, uma excelente fonte de controlo para a evolução histórica de realidades que teriam de passar pelo poder central e pelo parlamento. Quanto à bibliografia examinada, predominam as obras de carácter geral sobre Portugal e sobre as colónias, uma vez que literatura específica sobre caminhos-de-ferro em S. Tomé ou nas ex-colónias africanas não abunda, como aliás reconhece e lamenta o próprio autor.

Deste modo, o tema tratado e o livro em si são de uma grande actualidade e utilidade, tendo em conta o pouco que se tem feito neste campo de estudo e tendo em conta que, apesar de amador, é um trabalho com alguma qualidade.

A sua estrutura obedece em grande medida a critérios cronológicos, adaptando-se bem à orientação (história factual) dada à obra. Depois de um breve enquadramento geográfico e económico do arquipélago (grande produtor de cacau desde 1850, mas com falhas graves ao nível do transporte), Salomão Vieira entra no tema propriamente dito descrevendo as primeiras sugestões de construção férrea em S. Tomé (só mais tarde a metrópole se virou para o Príncipe) e principais dilemas que preocupavam os responsáveis nacionais: caminhos-de-ferro ou estradas; construção pelo Estado ou concessão a privados; desconhecimento topográfico e estatístico do arquipélago; sistema geral para a colónia ou análise de linhas individualmente.

O autor indica como ponto inicial de processo de construção férrea em S. Tomé o ano de 1899 e o projecto de lei do ministro da marinha Eduardo Vilaça, que apesar de ter redundado em nada, deu o mote para realização de estudos sobre vias-férreas e sobre a orografia do território (que prometia dificultar a tarefa de assentar carris). Depois de alguns falhanços legislativos, a partir de 1906 inicia-se a construção da estrada de ferro (por uma empresa privada que deveria entregar a exploração ao Estado), a qual é muito bem documentada (características da linha, material empregue, operários, dificuldades encontradas) pelo autor com documentos do Arquivo Histórico Ultramarino e do engenheiro responsável da parte do governo Ezequiel de Campos.

De seguida, o autor debruça-se sobre a exploração, recorrendo aos dados oficiais publicados no boletim da colónia, cuja análise mais detalhada a nível económico-financeiro não é possível, pois os critérios de organização dos dados não são uniformes. Num novo capítulo, o autor volta um pouco atrás no tempo ao se ver na necessidade de mencionar os projectos para a extensão da linha (contemporâneos da construção) e para novas vias na ilha do Príncipe, projectos esses impedidos pelo deflagrar da I Guerra Mundial. Com o conflito – e entramos aqui em novo capítulo – e com a generalização do transporte por estrada veio também a decadência dos caminhos-de-ferro em S. Tomé, cuja exploração foi sendo suprimida paulatinamente até ao encerramento oficial em 1931 (muito embora relatos orais indiquem que em 1950 ainda circulavam comboios).

Só então, entra o autor na história dos caminhos-de-ferro das roças (sistema Decauville, tanto a vapor como a tracção animal, e aéreos), opção natural, porque, por um lado, são transversais a todo o período estudado anteriormente; e por outro, como já se referiu, as fontes para o seu estudo não são tão abundantes.

Na conclusão, o autor traz propostas para o presente e para o panorama museológico ferroviário são-tomense, que pode constituir mais uma oferta turística daquele país. Na fase final do seu trabalho, o autor deslocou-se ao território onde pôde observar *in loco* a realidade do património ferroviário (em decadência), o que enriqueceu a sua conclusão.

A obra agora analisada é vantajosa sobretudo por identificar as principais datas e acontecimentos da história dos caminhos-de-ferro em São Tomé, permitindo a um investigador interessado na matéria não partir para o seu trabalho sem qualquer ponto de referência. Porém, em termos de profundidade de análise, fica a ideia de que o autor não se consegue descolar das fontes que consulta, limitando-se por vezes à descrevê-las. Por outro lado, alguns aspectos poderiam ter sido melhor desenvolvidos (discussão em torno do investimento, pressões locais, etc.), se bem que tal trabalho pudesse não fazer parte dos objectivos. O autor incorre ainda num erro que afecta muito dos trabalhos feitos por amadores que é a falta de indicação das fontes de informação que sustentam algumas das suas afirmações.

Porém, outras qualidades acompanham este trabalho: o estudo é rico em termos iconográficos com a edição de mapas e fotos de época e mais recentes; e as fontes são adequadas para o objectivo em questão (embora outras pudessem e devessem ter sido consultadas) e tratadas numa linguagem fluida e adequada.

Em suma, esta obra está ao nível daquelas compilações feitas em Portugal sobre os caminhos-de-ferro da metrópole nos anos 1930 e 1950 (pelos ferroviários Carlos Manitto Torres e Frederico Quadros Abragão), muito embora lhes seja muito inferior em termos de dimensão de análise. Não aprofundando a pesquisa e pecando por alguma falta de rigor e metodologia, são sínteses cronológicas muito úteis para o enquadramento do novo investigador no tema.